

A Esgrima e a Tática

Pelo General Parga Rodrigues

Ha já alguns anos, meditando sobre as regras da esgrima, notei uma perfeita analogia entre esse bello desporto e a tática. Para atender a solicitações de camaradas esgrimistas, pensei em algo escrever sobre a matéria, tomando para terna essa analogia. Desisti, porém, da idéa, por me parecer o assunto de pouca importância e interesse para aqueles que jogam as armas. Mas qual não foi a minha surpresa, aliás muito agradável, quando, ao ler mais tarde a magistral obra de Foch *Des Principes de la Guerre*, aí vi escrito exatamente o que eu, já de muito, pensara a respeito. Nestas condições, ainda para corresponder ao desejo de distintos camaradas e amigos, voltei de novo a tomar aquela tése. Proporcionar-me-ei, então, o prazer de palestrar um pouco a respeito da esgrima, que com tanto carinho cultivei, com os que vêm mantendo, sem desfalecimentos, o fogo sagrado do mais nobre, mais elegante e mais distinto dos desportos, já que, como muito desejára, me não é possível trocar com eles algumas frases dármas.

Tive já ocasião de dizer, citando um velho mestre dármas francês, Cardelois, que as boas qualidades de um bom esgrimista, são, também, as de um bom Capitão; isto é: o golpe de vista rápido, decisão, resolução pronta, etc. Ora, se o objetivo do esgrimista é *tocar sem ser tocado* e a esgrima, a arte de atacar e defender-se com arma branca, não podem as suas regras deixar de ser enquadradas dentro dos princípios gerais da tática e, assim sendo, deverão aqueles que a cultivam mostrar-se possuidores dos mesmos predicados dos verdadeiros militares, dentre os quais podemos, com muita propriedade, tomar o capitão como modelo.

No estudo da segurança estratégica feito sobre a campanha da Itália (1809), mostra o autor das conferências feitas na *E'cole Supérieure de Guerre* e publicadas sob o título de *Des Principes de la Guerre* a profunda diferença entre as concepções do príncipe Eugénio e as de Napoleão. O príncipe, não podendo ainda bem perceber a estratégia napoleônica, concebia uma descoberta e uma manobra inde-

pendentes uma da outra, ambas baseadas no terreno e nas supostas situações do inimigo. Agia, apenas, como tático. Napoleão, ao contrário, encara essa manobra simplesmente como um prolongamento da descoberta que, porisso, se modifica sucessivamente, tornando-se capaz de: 1.º, manter a exploração; 2.º, transformar a exploração em reconhecimento, uma vez encontrado o inimigo; 3.º, fixar esse inimigo durante o tempo necessário à chegada do Exército. O grão deste marcha à retaguarda e deve estar em condições de poder explorar imediatamente esses resultados, para o que organiza um sistema ou uma combinação, seja um plano de operação. *Comment cette armée ne manoeuvrerait-elle pas "sûrement" et en sécurité à l'abri de ces dispositions, qui tendent constamment à éclairer, à courir et à préparer la manoeuvre?* Pergunta o autor que responde: *D'ailleurs, n'est-ce pas là la progression de tout duel, de toute lutte contre un adversaire animé et libre? En Garde... Le couvrir. Engager l'épée... Prendre le contact. Alonger le bras... Menacer l'adversaire dans la ligne directe pour le fixer. Doubler ou dégager ou... La manoeuvre, etc.*

O eminente mestre não hesitou em ir buscar na esgrima um quadro onde, nas sucessivas fases de um assalto dármas, claramente se mostra o modo de, em estratégia, agir de acôrdo com o princípio de segurança.

Se assim é, em se tratando de estratégia, diferente não poderia ser no caso de encarar-se o assunto sob o ponto de vista da tática. Seria como se, considerando uma carta geográfica, lhe reduzíssemos a escala, ou ainda, se da equação geral de um problema, substituíssemos as letras por números, passando da álgebra para a aritmética.

A posição de guarda é, não apenas a cobertura, mas também a concentração de forças. Em arte militar diz-se, com muita propriedade, que uma tropa está *em guarda*, quando o seu dispositivo permite atender às eventualidades mais prováveis e possíveis.

O engajamento ou cruzamento dos ferros é bem a tomada de contacto. Sem essa operação preliminar,

far-se-ia um *salto no escuro*, porisso que nos arriscaríamos a atacar a linha em que o adversário estivesse bem coberto, correndo os riscos de um *arrêsto* ou, o que é peor, dar lugar ao golpe duplo. Coisa idêntica se passaria em tática. Antes de montarmos um ataque, temos o cuidado de colocar as tropas atacantes em frente aos seus respectivos objetivos. A ponta de nossa arma deverá, no assalto, estar sempre dirigida para o adversário.

Conhece-se o bom esgrimista, principalmente, pelo fato de nunca fazer *salto no escuro*; pois, os seus ataques decisivos são sempre precedidos daquilo que, em esgrima, chamamos *juízo*; isto, é estudo feito com o engajamento realizado, das qualidades do adversário, quanto ao seu temperamento, destreza e técnica. Ora, esse juízo corresponde perfeitamente ao reconhecimento tático do inimigo. Doseu resultado, devemos concluir a nossa maneira de atacar (ou de defender), da oportunidade de partir a fundo e da velocidade e energia a imprimir ao movimento. Assim, se o adversário é moroso, as nossas fintas deverão ser enérgicas e muito rápidas, reduzindo ao mínimo o tempo que as separa das finais. Se muito calmo, serão essas fintas bem *marcadas*. A ligeireza em todos os movimentos com a arma deverá ser sempre adaptada à do adversário. Se, por exemplo, numa final precedida de uma *finta* (*um, dois, nas armas de estuque ou terça e quarta, no sabre*) executarmos o *dois* ou a *quarta* a fundo com presteza excessivamente maior do que a do antagonista, ao chegarmos na linha do ataque decisivo (*dois* ou *quarta, final*), aí o encontraremos coberto, por não haver ele ainda saído dessa linha para cobrir-se na linha ameaçada. Contra um adversário muito nervoso e que ataca incessantemente, convém a ameaça constante (*inquietação*) por meio de fintas. Esperar o seu ataque decisivo (*defensiva ativa*), para então, responder com eficácia (*contra-ataque*) ou, ainda, atacá-lo enérgicamente logo em seguida por meio de golpes compostos (*retorno ofensivo*). Se o adversário é moroso nas respostas após as paradas, é recomendável o *ataque falso* seguido de

redobramento na outra linha. Tira-se bom partido dos que costumam atacar descobertos, atacando-os em tempo na linha descoberta (*penetração na brecha ou no flanco descoberto*) e, também, provocando com ataque falso a sua resposta descoberta e redobrar na mesma linha. Em tática, provoca-se o inimigo a mostrar forças (principalmente artilharia) prematuramente, por meio de ataques simulados e os fogos de algumas baterias. Em esgrima, obrigamos o adversário a mostrar o seu jogo, com as fintas e os ataques falsos.

O que acima ficou dito parece ser o bastante para mostrar a perfeita analogia, senão identidade existente entre os *reconhecimentos* (táticos ou estratégicos) e o julgamento na esgrima.

Em estratégia, precisamos de conhecer a raça, tradições, costumes, recursos gerais, armamentos, organização, etc. e modo de combater dos inimigos prováveis. Em esgrima, o julgamento procura descobrir o caráter, o temperamento, a técnica, etc. do adversário. No terreno mais estreito da tática, procuramos saber, de modo mais minucioso, detalhado, *onde, quando e como* está o inimigo afim de colhemos os elementos indispensáveis à decisão. No assalto dármas, o cruzamento dos ferros nos dá o contacto; as fintas nos mostram o modo pelo qual o adversário se cobre e a sua presteza, donde concluiremos qual o seu temperamento, ao mesmo tempo que conseguimos fixá-lo em uma linha durante o

tempo suficiente para atacá-lo na linha descoberta.

Contra um adversário sem julgamento e que tenha o máu hábito de atacar incessantemente, convém recuar pouco a pouco ameaçando-o com fintas, observando os seus pontos fracos e procurando, mesmo, fazê-lo cansar-se, para atacá-lo, enfim, com oportunidade e segurança, a fundo. E' exatadamente o que em tática se chama *Combate de usura e retraimento sistemático ou tático*. Mas si o adversário, de par com grande espírito ofensivo, se mostra possuidor de rigorosa técnica, é preciso, a princípio, recuar por grandes lances (saltos), ganhar terreno à retaguarda, concentrar melhor a energia e os recursos para então enfrentá-lo: é o *retraimento estratégico*.

O espírito da ofensiva tem, em esgrima, o mesmo valôr e importância reconhecidos em arte militar. Nesta, é preciso agir com segurança; naquela, atacar coberto na linha do ataque.

A surpresa, o mais precioso dos estratagemas de guerra, tem plena applicação na esgrima. Exemplos:

a) Atacar com grande energia a fundo, tão depressa haja o juiz terminado a última sílaba do *allez* (ou pronto), seja por meio de um ataque falso seguido de redobramento ou de um final precedido do finta.

b) Contra um adversário desconhecido, mostrar-se, a princípio, moroso e descoberto, afim de provocar-lhe o ataque; tirar partido por uma resposta enérgica com golpe composto.

c) Contra os que *entregam* muito c ferro, fazer o desarme seguido immediata e rapidamente de ataque a fundo.

Como em tática, na esgrima a defensiva é sempre ativa.

Si, em tática, não devemos atacar dois ou mais objetivos ao mesmo tempo, também em esgrima somente podemos atacar ou defender, de cada vês, uma única linha. Numa, como noutra, êsse ataque deverá ser concebido, preparado e executado com cobertura e oportunidade. As flanco-guardas são representadas na esgrima pela opposição feita com o córte e o forte das armas empregadas. Na defensiva, a ponta corresponde aos P. A.; o forte da lâmina e o cópo, a P. P. R.

Em tática, como em esgrima, o tempo e o esforço são coisas muito preciosas. Como dêles não disponha e, por minha vês, não os queira tomar demasiadamente com esta palestra, aqui faço alto. Antes porém, desejava aconselhar aos nossos jovens esgrimistas uma pequena coisa que êles, brasileiros que são, ainda não sabem: o *saber perder*. O esgrimista, cujo orgulho não permite dominar-se contra as duras verdades, ou mesmo injustiças verificadas na prancha, participa dos inconvenientes de uma tropa desmoralizada em combates: não mais se poderá, durante o assalto, utilizar as qualidades inerentes aos bons esgrimistas: boa técnica, julgamento, calma, fidalguia, e discernimento.

Saber perder é muito mais difficil do que saber ganhar.